



Caminhámos em silêncio,  
uns atrás dos outros, até  
ao portão nas traseiras da nossa  
propriedade, à beira do pomar.  
Logo a seguir ao portão estavam  
as linhas do caminho de ferro.  
Não havia comboios à noite.  
Estava tudo em silêncio, exceto  
os sons dos grilos e o canto  
ocasional de uma ou outra ave  
noturna. Se seguíssemos a linha  
por uma hora ou assim, sabíamos  
que chegaríamos à parte segura  
da Roménia. Quando o pai  
chegou ao portão no limite da  
nossa propriedade, debruçou-se  
para o destrancar e empurrou-o.  
— Parem! — gritou uma voz. — Se  
derem mais um passo, disparo!  
Um jovem nazi húngaro  
apontava-nos uma arma.

Um grupo de adolescentes  
usando boinas caqui  
e as braçadeiras com suásticas  
dos nazis húngaros tinha  
estado a guardar a nossa quinta,  
aí colocado para se  
certificar de que não fugíamos.  
Há quanto tempo estavam ali,  
ninguém sabia.  
Éramos apenas seis judeus.  
Como podíamos ser tão  
importantes? Agarrei a mão de  
Miriam, sem me atrever a olhar  
diretamente para eles,  
mas esgueirando olhares de  
soslaio para os soldados.  
O pai fechou o portão  
e os rapazes escoltaram-nos  
de regresso à nossa casa.  
A nossa única hipótese de fuga  
acabava de desaparecer.



EVA MOZES KOR  
com LISA ROJANY BUCCIERI

**AS GÉMEAS  
DE AUSCHWITZ**



EVA MOZES KOR  
com LISA ROJANY BUCCIERI

**AS GÉMEAS  
DE AUSCHWITZ**

Tradução de  
Carla Ribeiro

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Copyright © 2009 Eva Mozes Kor e Lisa Rojany Buccieri  
Todos os direitos reservados. Publicado por acordo com  
Tanglewood Publishing, a editora original da obra.

Título: *As Gémeas de Auschwitz*

Título original: *Surviving the Angel of Death: The True Story  
of a Mengele Twin in Auschwitz*

Autoras: Eva Mozes Kor e Lisa Rojany Buccieri

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 459214/19

1.ª edição: setembro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.



Dedico este livro à memória da minha mãe, Jaffa Mozes, do meu pai, Alexander Mozes, das minhas irmãs Edit e Aliz, e da minha irmã gêmea, Miriam Mozes Zeiger. Dedico também este livro às crianças que sobreviveram ao campo e a todas as crianças do mundo que sobreviveram à negligência e ao abuso, pois quero honrar a sua luta na superação do trauma de terem perdido as suas infâncias, as suas famílias e a sensação de pertença a uma família. Por último, mas não menos importante, este livro é também em honra do meu filho, Alex Kor, e da minha filha, Rina Kor, que são o meu orgulho, alegria e desafio.

EMK

A Olivia, Chloe e Genevieve: as razões para tudo.  
E à minha irmã, Amanda, por me ter salvo a vida.

LRB



## *Prólogo*

**A**s portas do vagão abriram-se pela primeira vez em muitos dias e a luz do dia brilhou sobre nós como uma bênção. Dúzias de judeus tinham estado amontoados naquele minúsculo vagão de gado a chocalhar pelos campos, levando-nos para cada vez mais longe da nossa casa na Roménia. Desesperadas, as pessoas empurravam-se para sair.

Agarrei bem a mão da minha irmã gémea quando nos empurraram para a plataforma, sem saber se devia estar contente com a nossa libertação ou com medo do que estava para vir. O ar do início da manhã era fresco, um vento frio que nos mordida as pernas nuas através do tecido fino dos nossos vestidos *bordeaux* a condizer.

Percebi de imediato que era muito cedo, o Sol mal se erguendo acima do horizonte. Para onde quer que olhasse, via altas e afiadas cercas de arame farpado. Altas torres de vigia com patrulhas das SS, *Schutzstaffel* em alemão, debruçadas, apontando-nos as suas armas. Cães de guarda retidos por outros soldados SS puxavam as trelas, ladrando e rosnando como um cão raivoso que vira uma vez na quinta, de boca a espumar, dentes brancos e afiados. Sentia o coração a latejar-me no peito. A mão da minha irmã, quente e suada, apertava a minha. A minha mãe e o meu pai, juntamente com as nossas duas irmãs mais velhas, Edit e Aliz, estavam mesmo ao nosso lado quando ouvi o sussurro que a minha mãe dirigiu ao meu pai.

– Auschwitz? É Auschwitz? Que sítio é este? Não é na Hungria?

– Estamos na Alemanha – foi a resposta.

Tínhamos atravessado a fronteira para território alemão. Na verdade, estávamos na Polónia, mas os Alemães tinham invadido a Polónia. Era na Polónia alemã que se situavam todos os campos de extermínio. Não tínhamos sido levados para um campo de trabalho húngaro para trabalhar, mas sim para um campo de extermínio nazi para morrer. Antes de termos tempo de digerir esta notícia, senti o meu ombro ser empurrado para um dos lados da plataforma.

«*Schnell! Schnell!*» Rápido! Rápido! Guardas SS ordenavam aos restantes prisioneiros do vagão que saíssem para a grande plataforma.

Miriam chegou-se para mais perto de mim enquanto éramos empurradas de um lado para o outro. A débil luz do dia era bloqueada e desbloqueada à medida que pessoas mais altas eram empurradas para junto de nós, depois puxadas pelos guardas para um lado ou para o outro. Era como se estivessem a escolher alguns prisioneiros para uma coisa e outros para outra. Mas para quê?

Foi então que os sons à nossa volta começaram a aumentar de volume. Os guardas nazis agarravam mais pessoas, puxando-as para a direita ou para a esquerda na plataforma de seleção. Os cães rosnavam e ladravam. As pessoas do vagão começaram a chorar, a berrar, a gritar todas ao mesmo tempo; todos procuravam os seus familiares à medida que eram afastados uns dos outros. Separavam homens de mulheres, filhos de pais. A manhã irrompeu num perfeito pandemónio. Tudo começou a andar cada vez mais depressa à nossa volta. Era o caos.

«*Zwillinge! Zwillinge!*» Gémeas! Gémeas! Em segundos, um guarda que ia a passar a correr parou bruscamente à nossa frente. Olhou para Miriam e para mim nas nossas roupas a condizer.

– São gémeas? – perguntou à minha mãe.

Ela hesitou.

– Isso é bom?

– Sim – disse o guarda.

– São gémeas – respondeu a mãe.

Sem dizer uma palavra, ele agarrou em Miriam e em mim e separou-nos da nossa mãe.

– Não!

– Mamã! Mamã! Não!

Miriam e eu gritámos e chorámos, tentando chegar à nossa mãe, que, por sua vez, tentava seguir-nos, de braços estendidos, com um guarda a retê-la. Atirou-a violentamente para o outro lado da plataforma.

Gritámos. Chorámos. Suplicámos, as nossas vozes perdidas entre o caos, o barulho e o desespero. Mas, por mais que chorássemos ou por mais alto que gritássemos, não importava. Por causa daqueles vestidos *bordeaux* a condizer, por sermos gémeas idênticas, tão facilmente detetáveis na multidão de sujos e exaustos prisioneiros judeus, Miriam e eu tínhamos sido escolhidas. Em breve, ficaríamos frente a frente com Josef Mengele, o médico nazi conhecido como Anjo da Morte. Era ele quem seleccionava quem na plataforma vivia e quem morria. Mas nós ainda não o sabíamos. Só sabíamos que, de repente, estávamos sozinhas. Tínhamos apenas dez anos.

E nunca mais voltámos a ver o pai, a mãe, a Edit ou a Aliz.